

Agenciamentos teológicos: Instrumentos para a cartografia da linguagem teológica.

Theological arrangements: Tools for mapping theological language.

*Thiago Schellin de Mattos*¹

Resumo: O texto a seguir apresenta e mobiliza alguns conceitos de Deleuze & Guattari para aplicação ao estudo e pesquisa da linguagem teológica. Faz parte de um trabalho mais amplo que visa construir subsídios teóricos e metodológicos para a *pesquisa* da linguagem teológica e para a *produção* de uma linguagem teológica *menor*. A filosofia de Deleuze & Guattari é conhecida pela criação de muitos conceitos, tendo um léxico bastante particular. Sua recepção no Brasil na área de Teologia ainda é muito limitada, quase não havendo produções que articulem seus conceitos com consistência. No entanto, o trabalho teórico dos autores demonstra um grande potencial de articulação para o estudo da teologia contemporânea. Com base nisto, julgamos adequado uma exposição mais rigorosa e detalhada de alguns conceitos principais dos autores, percebendo como eles se articulam com as questões da experiência e linguagem teológica da fé. Neste expediente, *agenciamento* e *dever* são dois conceitos-chaves em torno dos quais se ligam muitos outros conceitos úteis para o mapeamento e registro da produção desejante da fé e sua linguagem. Neste artigo focaremos a atenção no conceito de *agenciamento* e seus modos de funcionamento.

Palavras-chave: Linguagem teológica; agenciamento; dever; conceitos teológicos.

Abstract: The following text presents and mobilizes some concepts from Deleuze & Guattari for application to the study and research of theological language. It is part of a broader work that aims to construct theoretical and methodological subsidies for the research of theological language and for the production of a lesser theological language. The philosophy of Deleuze & Guattari is known for the creation of many concepts, with a very particular lexicon. Its reception in Brazil in the field of theology is still very limited, with almost no productions that consistently articulate its concepts. However, the authors' theoretical work demonstrates great potential for articulation in the study of contemporary theology. Based on this, we consider it appropriate to provide a more

¹ Mestre em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Doutor em Teologia pela Faculdades EST. tsdemattos@gmail.com.

rigorous and detailed exposition of some of the authors' main concepts, noting how they articulate with questions of experience and theological language of faith. In this regard, assemblage and becoming are two key concepts around which many other concepts useful for mapping and recording the desiring production of faith and its language are linked. In this article, we will focus our attention on the concept of agency and its modes of operation.

Keywords: Theological language; agency; becoming; theological concepts.

Introdução

Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste.²

A forma como aprendemos a inventar a nossa humanidade como algo, ao mesmo tempo *dado* e *construído*,³ confere um marcador de ambiguidade a tudo o que experienciamos com a linguagem. Falamos de natureza humana e de cultura humana. A humanidade é inata, mas também é aprendida e ensinada. Esse aspecto, tão decisivo para a construção da Moral, da Ética e do Direito, gera implicações abrangentes acerca de tudo que vivenciamos como experiência sociocultural e linguística. Deste modo, na produção cultural da humanidade, não é apenas a construção (e *controle*) do que designa “humano” que importa, mas também algum controle sobre o que qualifica o fundo “desumano” que permite estabelecer seus contornos⁴. É um típico *agenciamento* entre *fatos* e *valores* que articula a base sobre a qual convencionamos ser capazes de avaliar a “qualidade” de nossa “educação” para a humanidade, bem como seus limites factuais relativamente identificáveis – dados pela *forma-homem* na democracia burguesa, por exemplo. Disto decorre que nossa experiência com o mundo não acontece de forma “naturalmente” espontânea. Precisamos produzir artefatos e comportamentos culturais que “sustentem” nossa humanidade. Artefatos como a linguagem, que nos garanta algum controle sobre o que se espera de nós na construção e manutenção do mundo humano. Desta maneira, existe sempre uma tensão dialética na produção da humanidade, uma tensão entre o “inato” e o “construído”⁵. Uma verdadeira batalha para conquistar uma posição de desejo e sentido, de inscrever o *devir-humano* em alguma superfície de registro.

² Gênesis 32. 28.

³ WAGNER, R. *A invenção da cultura*. São Paulo: UBU Editora, 2017.

⁴ O antropólogo Roy Wagner explica isso muito bem em seu livro “A invenção da cultura” (WAGNER, 2017).

⁵ De acordo com a dialética da invenção (WAGNER, 2017).

É aqui que fazemos nossa entrada no território teológico, pois também há uma superfície de registro teológica que o ser humano mobiliza com frequência na produção de sua humanidade. O ser humano inventa deuses como *controle* e *fundo motivador* de sua humanidade. Assim, também não é “naturalmente” que caminha um teólogo⁶. Teólogos e teólogas lutam com Deus para conquistar uma posição de desejo no campo de batalha da fé. E, certamente saem “mancando” com suas palavras. Este é seu jeito sempre precário de caminhar na fé e, por isso, sempre criativo. O desejo do teólogo(a), nos termos de Kierkegaard, esta paixão pelo infinito⁷, tem algo de traiçoeiro, de persistente tentativa de capturar e “segurar” as condições que sustentam seu desejo pelo Absoluto. A linguagem teológica é, assim, uma forma privilegiada e singular de inscrever este desejo em sua experiência com Deus. E de efetuar os controles relativos a seus movimentos de produção – em linguagem deleuziana: movimentos de constante *desterritorialização* e *reterritorialização* dos signos. Que instauram, por assim dizer, um *plano de imanência* para a fé.⁸ A posição desejante da fé implica na “arte dos movimentos”⁹. Não é por acaso que as principais narrativas bíblicas da fé se dão em contextos de nomadismo – cartografia de movimentos, territórios de passagem e relativas estabilizações da fé. São contextos de mobilização, onde os “pais da fé”¹⁰ constituem sua humanidade enquanto corpo desejante que se desloca, que empreende os movimentos que dão ritmo e cadência à sua existência. Os patriarcas hebreus encarnam um vetor desterritorializante que os

⁶ Entendido aqui como todo aquele(a) que articula alguma linguagem sobre Deus e a fé. Somos todos potencialmente teólogos(as) em algum nível, pois há um *devenir-teólogo* que tangencia a condição humana de linguagem no que se refere à possibilidade de *devenir* na fé.

⁷ KIERKEGAARD, S. *Temor e Tremor*. In: Os pensadores. XXXI. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 291.

⁸ Um movimento que se efetua em relação com o infinito para se inscrever no mundo finito constantemente (KIERKEGAARD, 1974. p. 272). Como entendido por Deleuze & Guattari, o “plano do infinito” ou “plano da fé” de Kierkegaard instaura um “plano de imanência” da fé, onde a percepção é deslocada para os movimentos que servem de limite nas relações entre sujeito e objeto. (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* 2. V. 4. São Paulo: Ed. 34, 2012b. p. 79-80).

⁹ KIERKEGAARD, 1974. p. 278.

¹⁰ “Pai da fé”, “homem da fé” ... – este é um aspecto importante da *forma-homem* que constrói a ideia de humanidade universal nos estratos culturais atravessados pelo monoteísmo hebraico. Kierkegaard traz para sua filosofia o “cavaleiro da fé” (KIERKEGAARD, 1974. p.274), digamos, como “personagem conceitual” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992) que desenvolve uma variação desse aspecto – o nômade da fé monta em uma máquina-cavalo com traços feudais ainda distintos, mas já produzindo um *devenir-burguês*. O nômade da fé ocidental contemporânea, contudo, é um cavaleiro do capital, e seu desejo é registrado em uma forma-homem historicamente situada. O desejo burguês, em sua forma capitalista-democrática-científica de produção, continua deslocando a trajetória de uma forma-homem que acredita no mundo que constrói. A pergunta que fica é: Até quando? Até não houver mais um diagrama cósmico que sustente as possibilidades de um mundo humano? Sobre a “forma-homem”, ver o posicionamento de Deleuze em relação à uma crítica à Foucault (DELEUZE, 1992, p. 113-117).

mobiliza constantemente. Esse vetor é o devir da fé: desejo de aliança entre o homem e Deus.

O mito bíblico nos oferece um signo: o de *Jacó-Israel*.¹¹ Levemos em conta duas hipóteses, a primeira apenas como contraste de fundo para elucidar o deslocamento da segunda: O mito em questão pode ser entendido como estrutura simbólica que se dá à interpretação dos sentidos fundamentais em uma convenção sociocultural e religiosa, ou, pode ser entendido como um diagrama que expõe o cruzamento paradoxal de estados de contradição e movimentos relativos à articulação dessas contradições.¹² Identificamos a possibilidade estrutural da primeira, de tradição amplamente reconhecida e aceita na academia, contudo, queremos considerar a segunda hipótese, a que, por falta de vocábulo mais adequado, poderia se chamar precariamente de “pós-estrutural”, mas que preferimos chamar de “diagramática”. Assim, *Jacó-Israel* formaria um campo de tensão entre vetores que compõem uma configuração de forças entre o desejo humano (e ao que a ele resiste) e suas possibilidades de articulação relativas a um plano de imanência da fé. Jacó luta para ser abençoado, ele “segura” o objeto de seu desejo para conquistar uma posição em relação à Deus, para sustentar uma aliança¹³. Jacó conquista sua humanidade segurando-a “pelo calcanhar”¹⁴, mas *torna-se* Israel segurando o calcanhar divino. O “traíçoeiro” *devém* “príncipe da fé” (aquele que luta com Deus é maior do que quem luta com os homens).¹⁵ O mito funciona como um agenciamento de vetores que inscreve o desejo e a fé em fluxos sociais de desterritorialização e reterritorialização. Desterritorializa a filiação linear e extensiva dos códigos patriarcais antigos – os engana, os trai – reterritorializando a fé através de uma *aliança intensiva*, que redireciona os fluxos de territorialidade genealógica, bem como, cria as condições para a formação de um novo território étnico-religioso da fé, a formação de um povo: Israel.

¹¹ Jacó se encontra à noite no Vau do Jaboque em uma luta misteriosa com um homem-Deus (Gn 32.22-32). Ele está prestes a reencontrar o seu irmão Esaú, cujo direito de primogenitura usurpara. O encontro com Deus torna-se a ocasião para uma transformação pessoal que o possibilita reencontrar o passado de uma forma diferente, não mais como “enganador”, mas como aquele que conquistou a bênção porque insistiu em “segurá-la” pela fé.

¹² De acordo com Deleuze & Guattari os mitos não servem para explicar e interpretar a realidade social, mas para determinar “as condições intensivas” da produção social (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. São Paulo: Ed. 34, 2010. p. 209). Eles funcionam como reguladores de fluxos (de sangue, de alianças, de bens materiais e simbólicos, etc.) em agenciamentos que inscrevem o desejo na produção social, simbólica, cultural, religiosa.

¹³ O *devir* é aliança (DELEUZE; GUATTARI. 2012b. p. 19). Trabalhamos mais diretamente o conceito de *devir* em outro artigo: SCHELLIN DE MATTOS, T. Os devires da teologia. *Ad Aeternum*, 2(11), 2026, p.85-113.

¹⁴ “Jacó” etimologicamente remete à “calcanhar” e à associações com “enganador” e “suplantador” no interior da narrativa bíblica (Gn 25.26; 27.36; Jr 17.9)

¹⁵ KIERKEGAARD, 1974. p. 260.

Imaginemos Jacó depois de ser ferido na coxa durante a luta com Deus. Imaginemo-lo segurando seu cajado que, antes, servia para pastorear seus rebanhos e simbolizar sua autoridade patriarcal. Agora ele precisa dele para efetivamente caminhar. A *forma de conteúdo* mão-cajado não expressa mais apenas uma função prática do labor pastoral, nem se limita a um agenciamento simbólico de poder familiar e social. O cajado agora se reterritorializa no andar de Jacó, passando a constituí-lo necessariamente. Dali para frente não há uma forma de caminhar que lhe dispense este agenciamento *mão-cajado*. Ele se torna um instrumento de deslocamento e um signo de navegação.¹⁶

Caminhar com Deus exige *agenciamento e invenção*. É por onde o *devir* da fé acontece e se inscreve na experiência e linguagem humanas. É, todavia, resultado de uma inscrição que marca o corpo e a linguagem em seus limites, dando-lhes um ritmo desejante atravessado por uma tensão incontornável, a tensão de um paradoxo, a impossibilidade possível da fé. Por essa razão, como bom luterano que somos, diremos que a linguagem teológica pertence mais ao registro da *tribulação*¹⁷ do que ao da sublimação, levando em conta que, de acordo com a psicanálise, o conceito de sublimação visa explicar um fenômeno que tende à integração cultural do desejo e ao seu valor social. Por outro lado, um teólogo da cruz insistirá no escândalo e na loucura¹⁸, elementos disruptivos que colocam em movimento um *devir-imperceptível*¹⁹ da fé, uma linha que desloca o desejo constantemente, deixando o corte aberto. A teologia é, assim, o território expressivo de uma caminhada ferida e deslocada, *sintoma* de uma linguagem mortificada, proibida e gaguejante. Suas palavras são agenciamentos que auxiliam (como muletas)²⁰ a experiência desejante de um corpo ferido, crucificado. Um retorno vacilante e atrapalhado (imaginemos Jacó idoso e manco) é, deste modo, o resultado qualitativo do salto no Absoluto, de onde o impossível faz nascer todas as condições de possibilidade no interior das contradições²¹, neste campo de tensões em que a fé se constitui atravessada pela

¹⁶ “Cajado de Jacó” também é chamado um instrumento topográfico surgido no século XIV na Europa (França) utilizado para navegação.

¹⁷ Tribulação e angústia que impedem um traduzir-se no geral (KIERKEGAARD, 1974. p. 321).

¹⁸ I Co. 1.23.

¹⁹ Sobre “devir-imperceptível” e a qualidade intensiva do seu movimento, conferir DELEUZE; GUATTARI, 2012b. p. 79-80.

²⁰ Estendendo para a teologia o sentido que Wagner atribui ao termo – para auxiliar na experiência e entendimento (WAGNER, 2017. p. 34).

²¹ Deleuze, ao se referir aos paradoxos como “Paixão do pensamento” ajuda-nos a compreender que o pensamento também é desejo. Talvez este seja o ponto onde sua filosofia tangencia mais de perto a teologia. O desejo de pensar o impossível marca não somente o plano intensivo da filosofia, como também atravessa o plano da fé e sua linguagem. “A força dos paradoxos reside em que eles não são contraditórios, mas nos fazem assistir a gênese da contradição. O princípio de contradição se aplica ao real e ao possível, mas não ao impossível do qual deriva, isto é, aos paradoxos ou antes ao que representam os paradoxos.” (DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 77).

tribulação e sustentada em seus devires, cuja natureza *intempestiva* revela a atmosfera de graça a partir de onde é gerada.²²

Esse encontro com o paradoxo e essa luta com Deus marcam as palavras que o teólogo pode usar em suas variadas combinações (agenciamentos) para sustentar o devir da fé. Os agenciamentos teológicos implicam, portanto, em movimentos radicais que são *linhas de fuga* do estrato coletivo (exemplificados pelo “salto”, pela “luta” ...), e em retornos regulares configuradores de um ritmo e suas modulações (como nos passos de uma “dança” ou em uma forma particular de “andar”)²³, que o sustenta e o abre para alguma experiência comunitária e compartilhada através de um *agenciamento territorial*. Ecoando uma verdade já dita por Rubem Alves, pode-se dizer que a linguagem teológica se apresenta como um processo (um devir) onde as palavras não param de nascer, morrer e ressuscitar.²⁴ A necessidade criativa da teologia se fundamenta naquilo em que ela visa garantir como registro de uma intensidade (a fé), por meio da constante morte-ressurreição dos signos que desafiam os limiares do absoluto – signos feridos, atravessados, não redutíveis à interpretação, mas potentes na construção de mundos “outros”. Sendo assim, a fé que se põe a lutar com Deus é uma fé com alto grau de intensidade, atingindo limiares de desterritorialização absoluta, saltos qualitativos que operam renovadas condições de possibilidade nas formas de atualização da experiência e linguagem humanas.

A narrativa bíblica ajuda a perceber como o desejo se inscreve no interior da teologia. Este *desejar* a experiência impossível do paradoxo está amarrado às limitações das condições criativas do ser humano. Para sustentar a produção de registro intensiva deste desejo é necessário construir e manejar muito bem as *máquinas desejantes* da fé, operá-las com consistência. Para a teologia, os conceitos compõem peças e dispositivos de funcionamento importantes destas máquinas, sendo fundamentais para registrar os fluxos da experiência e linguagem da fé. Para não continuar de forma tão flagrante o uso indiscriminado dos conceitos de Deleuze & Guattari, passamos à exposição, entendimento e articulação de alguns conceitos que consideramos fundamentais. Serão nossas “muletas” mecanicamente ajustáveis para regular a medida de nossas necessidades de *agenciamento* no “caminhar” teológico.

²² Deleuze associa o “intempestivo” em Nietzsche às contingências historicamente indeterminadas que possibilitam o devir. Ele chama isso de “momento de graça” (DELEUZE; GUATTARI, 1992. p. 126); DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 210-211; DELEUZE; GUATTARI, 2012b. p. 100).

²³ Como aquilo que configura o estilo de caminhar do “cavaleiro da fé” (KIERKEGAARD, 1974. p.274). O modo como isso constitui um território (agenciamento territorial) é dado pelo conceito de “ritornelo” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b. p. 121-179).

²⁴ “A história da comunidade de fé poderia se escrever através da história do nascimento, morte e ressurreição de suas linguagens”. (ALVES, R. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 167).

O agenciamento

O conceito de *agenciamento* na filosofia de Deleuze & Guattari é extremamente importante, pois funciona como aquilo que designa a forma e a qualidade da relação e do movimento que constitui a função de todos os outros conceitos. Ele articula os modos de relações entre *conteúdo* e *expressão*, e mapeia a qualidade dos movimentos que mobilizam essas relações (sua *molaridade* ou *molecularidade*). É um conceito-chave por isso, porque articula em dois eixos um complexo encadeamento de conceitos concebidos em *pressuposição recíproca* e intercambiáveis. O agenciamento é assim um dispositivo que cria as condições para a complexa relação de possibilidades de fluxos e conexões que as *máquinas desejanças* podem operar. Assim como o conceito de *invenção*²⁵, *agenciamento* diz respeito às condições de funcionamento da linguagem, indicando com mais precisão a qualidade dos movimentos de diferenciação e de coletivização (se são *molares* ou *moleculares*). Opera também no nível de uma necessidade ontológica e epistemológica radical. Como na *invenção*, é por meio dele que as coisas *acontecem*. *Agenciamento* e *invenção* são, assim, os operadores conceituais da noção de *devenir*, eles são a função maquínica elementar por onde o fluxo diferencial do *devenir* pode ser registrado em suas intensificações e estabilizações. Usaremos estes conceitos como “cajado” que auxilia o pensamento e a linguagem teológica na sua busca por *consistência* e *direção* na caminhada da fé.

Deleuze & Guattari situam-se no registro da crítica ao tradicional modelo hilemórfico de Aristóteles, em que os corpos são constituídos basicamente pela dualidade matéria-forma²⁶. Segundo os autores, este modelo não considera o que passa de forma molecular e energética entre matéria e forma, não “apreende a modulação contínua perpetuamente variável”²⁷, aquilo que eles chamam de “*phylum maquínico*”²⁸, isto é, a matéria em movimento, em fluxo e variação constante, a partir do qual o *devenir* pode ser agenciado como acontecimento intensivo. O *agenciamento* é o conceito que visa articular de forma mais adequada essa relação entre *matéria-forma* e *matéria-fluxo*. Com isto, se pretende uma ontologia articulada em dois níveis: o nível *atual* da existência e seu *plano de organização* dos estratos, e o nível *virtual* que corresponde a um *plano de*

²⁵ O conceito de “invenção” vem de Wagner (2017) e compõe com nossas articulações teóricas para a linguagem teológica. Trabalhamos esse conceito em outro artigo: “A invenção da teologia - aportes para o estudo da linguagem teológica” (ainda não publicado).

²⁶ A crítica ao hilemorfismo em que os autores se apoiam fundamenta-se nos estudos do filósofo francês Gilbert Simondon (1924-1989). DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. V. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012c. p. 96-99.

²⁷ DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 97.

²⁸ DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 97.

consistência dos devires.²⁹ O devir é *maquínico* porque “tudo compõe máquina”³⁰ – máquinas sociais, técnicas, semióticas, biológicas, inorgânicas, físico-químicas, cósmicas... – são conjuntos materiais e energéticos que se combinam formando substâncias e realizando funções. “Máquina”, portanto, não é metáfora³¹ (os conceitos não o são)³². A realidade é maquínica porque compõe organizações materiais e semióticas que produzem fluxos, cortes e extrações, num movimento constante de relativa desconstrução (as máquinas “só funcionam desarranjadas”³³). O *agenciamento* é a operação produtiva das máquinas, e são estas que realizam os agenciamentos e efetuam suas combinações. Assim, as máquinas *são reais*, virtualmente abstratas³⁴ ou concretamente atualizadas³⁵, operando em um regime constante de transformações. Em termos de filosofia corresponde a uma ontologia materialista completa, agrupada em torno de três grandes grupos de estratos: *estratos inorgânicos* (físico-químico, geológico, mineral), *estratos orgânicos* (biológico, vegetal, animal) e *estratos antropomórficos* (social, semiótico, subjetivo)³⁶. Os *estratos*, e o processo pelo qual são formados (a estratificação), remetem às atualizações das formações virtuais do plano de consistência, resultando em um plano de organização material da existência.³⁷ Eles são as relativas estabilizações da matéria e seus fluxos, “acumulações, coagulações, sedimentações, dobramentos.”³⁸, e efetuam relações de captura das substâncias, formando camadas de organização material, geológica, biológica, social, semiótica, etc.

²⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2012b. p. 56-66.

³⁰ DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 12.

³¹ DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 11.

³² Segundo um dos comentadores de Deleuze & Guattari, existe um apelo à literalidade na obra dos autores que faz denunciar a metáfora enquanto conceito, como um embuste (ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Digitalizado por Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, 2004. p. 3-5). Podemos considerar, a partir desta abordagem, que a dimensão dos conceitos concerne à sua realidade virtual, isto é, à sua virtualidade maquínica (são máquinas virtuais).

³³ DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 49.

³⁴ “[...] “virtual” não se opõem precisamente ao real; ao contrário, é a realidade do criativo, o colocar em variação contínua das variáveis, que se opõe somente à determinação atual de suas relações constantes” (DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. V. 2. São Paulo: Ed. 34, 2011b. p. 46).

³⁵ “O virtual não se opõe ao real, mas somente ao atual. O virtual possui uma plena realidade enquanto virtual. Do virtual, é preciso dizer exatamente o que Proust dizia dos estados de ressonância: “Reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos”, e simbólicos sem serem fictícios. O virtual deve ser mesmo definido como uma estrita parte do objeto real - como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e aí mergulhasse como numa dimensão objetiva.” (DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 196-197).

³⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 230-232.

³⁷ A teoria dos estratos é derivada do linguista dinamarquês Louis Trolle Hjelmslev (1899-1965). DELEUZE; GUATTARI. 2012c. p. 231.

³⁸ DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 230.

As *máquinas* são *desejantes* porque o desejo produz realidade, produz conexões, “faz correr, flui e corta”³⁹, articula relações potenciais de afecção entre os estratos, atualiza e virtualiza essas relações. O desejo não se restringe à dimensão psicológica e subjetiva, assim como o devir como modalidade vital não se restringe à biologia. Como *phylum maquínico* o devir apresenta a modalidade pela qual o desejo, enquanto força produtiva, expressa a tendência da matéria para se transformar, constituindo arranjos e desarranjos maquínicos que sustentam e registram a sua produção *conectiva*, *disjuntiva* e *conjuntiva*⁴⁰.

Tomamos um exemplo, ao qual retornaremos algumas vezes: A “água” *deseja* dissolver, evaporar, cristalizar ou infiltrar dependendo das afecções que mobiliza sua potência ao se conectar com outras formações materiais e energéticas. Seu *phylum maquínico* poderá devir-rio, chuva ou mar, mas também poderá devir-seiva em um estrato orgânico quando uma planta (enquanto máquina biológica) usa suas raízes para cortar fluxos minerais que atravessam e compõem água e terra. De modo semelhante, a água também irá compor com os estratos antropomórficos e suas máquinas que, via de regra, desejam bem mais do que fluxos físico-químicos e orgânicos, desejam também *fluxos semióticos* que transformam a capacidade desejante das máquinas. Nos estratos antropomórficos as máquinas passam a desejar e criar o mundo sociotécnico e semiótico da cultura: a água *devém* copo d’água, banho de chuveiro, estação hidrelétrica, símbolo mítico, palavra de Deus, etc.

Retomando o conceito principal: o *agenciamento* opera os processos de estratificação e desestratificação e, no meio disto, articula os movimentos que efetuam esses processos, através de duas duplas articulações. Cada dupla articulação define um dos eixos do agenciamento, configurando a sua “tetravalência”. Primeira dupla articulação entre *conteúdo* e *expressão*, definindo a formalização do estrato e suas relações de *pressuposição recíproca* com outros estratos; segunda dupla articulação entre *molar* e *molecular*, definindo a territorialidade e desterritorialização dos estratos, e os modos como estes se conectam e se transformam, uns em relação aos outros e, em relação ao *plano de consistência*.⁴¹

Podem-se tirar daí conclusões gerais acerca da natureza dos Agenciamentos. Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é *agenciamento maquínico* de corpos, de ações

³⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 16.

⁴⁰ Deleuze & Guattari concebem a produção desejante como um processo em que o desejo atua como princípio imanente, efetuando um ciclo composto por três sínteses: a *síntese conectiva* da libido como *produção de produção*; a *síntese disjuntiva* na transformação energética da libido em superfície de inscrição (*numen*), como *produção de registro*; e a *síntese conjuntiva* como transformação da energia em *voluptas*, como *produção de consumo* (DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 11-37).

⁴¹ DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 234.

e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem, de uma parte, *lados territoriais* ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, *picos de desterritorialização* que o arrebatam.⁴²

Primeira dupla articulação: cada estrato é composto de *conteúdo* e *expressão*, sendo estes definidos em termos de *forma* e *substância*. *Forma* implica em *codificação* e organização do conteúdo e da expressão, e *substância* se refere à matéria formada, isto é, como conteúdo e expressão se apresentam *codificados*, organizados. Em cada um dos grandes grupos de estratos esta dupla articulação se distribui de maneiras diferentes, evidenciando relações distintas entre *conteúdo* e *expressão* – mais direta e imanente nos estratos inorgânicos (“codificação” por transdução), mais mediada e formal nos estratos orgânicos (codificação por indução) e relativamente independente nos estratos antropomórficos (codificação por tradução).⁴³

Seguindo com o exemplo da “água”: A água em seu *phylum maquínico* pode atravessar os três conjuntos de estratos, adquirindo distintas formas de conteúdo e expressão, através de diferentes formações virtuais de potência concernentes ao seu campo de afecções. Vejamos como isto funciona.

Num nível energético e subatômico as condições de formação da água passam por “codificações” físico-químicas específicas. Átomos de hidrogênio (H) e oxigênio (O) já são “codificações” operadas pela captura energética estável de elétrons orbitando um núcleo formado por prótons e nêutrons. Existem combinações virtuais de forças que se atualizam nos átomos que vão compor a possibilidade de formação molecular da água (H₂O). A captura e estabilização molecular define assim o primeiro regime de codificação da água, seu registro físico-químico. Nele, a *substância de conteúdo* são as moléculas de H₂O; as *formas de conteúdo* se atualizam em diferentes formas de organização físico-químicas (cristalina no gelo, fluída no líquido e dispersiva no gasoso); as *substâncias de expressão* são as intensidades materiais de calor, pressão, movimento, etc., mensuráveis em diferentes escalas (graus, atmosferas, etc.); já as *formas de expressão* constituem os regimes de codificação das intensidades e seus fluxos em diferentes condições de temperatura, pressão, densidade, massa, etc. Nos *estratos inorgânicos*, portanto, as condições físico-químicas “codificam” o conteúdo e a expressão de forma direta (transdutiva), sem código anterior como mediação, como uma proliferação imanente da matéria reagindo constantemente sobre si de forma indeterminada, mas atingindo “platôs” determináveis na passagem de um estado a outro da matéria (ponto de condensação, ebulição, cristalização,

⁴² DELEUZE; GUATTARI, 2011b. p. 31. Grifos do autor.

⁴³ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. V. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011a. p. 113.

etc.). Estas condições operam as possibilidades de atualização da água para que esta possa fluir em um rio, evaporar e precipitar na chuva, ou acumular-se num grande mar ou geleira.

Nos *estratos orgânicos* a água é capturada por sistemas vivos que a registram como fluxo biológico. Os organismos destes estratos processam a água através de tecidos e sistemas regulados geneticamente. Aqui as *substâncias de conteúdo* são o sangue, a linfa, a respiração celular, etc.; as *formas de conteúdo* são os padrões de circulação e fluxo da água nos órgãos e sistemas biológicos; as *substâncias de expressão* são as combinações entre os genes e as proteínas; e a *forma de expressão* é o padrão sequencial de organização que esses elementos efetuam: o código genético. Nos estratos orgânicos, portanto, o código genético induz, como forma de expressão, a organização das formas e substâncias de conteúdo. A expressão se desloca um pouco do conteúdo, codificando-o como um modelo de formação que o antecede, criando uma distância funcional ao induzir o conteúdo a formar padrões genéticos e sistemas complexos de organização. Esses padrões biológicos mediam e controlam as condições possíveis da água se atualizar nestes estratos, para que ela possa devir fluxos vitais nas máquinas biológicas (fluxos metabólicos, circulatórios, térmicos, estruturais, informacionais, excretórios, etc.). O código genético cria a função biológica da água: “matar” a “sede” das máquinas orgânicas. Supondo algumas formas animais, dizemos aqui que a água *se torna* alimento e *devém* sangue.

Nos *estratos antropomórficos* a água alcança a sua função cultural por meio de codificações sociotécnicas e semióticas. A água *devém* copo d’água, chuveiro, chafariz, batismo, mercadoria, símbolo, espírito, etc. O agenciamento aqui tem a ver com fluxos desejantes e vitais específicos, que sustentam as máquinas deste tipo de estrato, isto é, são fluxos materiais e biológicos, mas também são fluxos *semióticos*, investidos na criação de outros mundos e seus sistemas de funcionamento (sociotécnico, cultural, religioso, etc.). Quando a água se torna *signo*, ela passa a animar os fluxos vitais que sustentam o desejo e o devir da natureza social e semiótica desses estratos. Quando lemos, bebemos em fontes de palavras escritas, e alimentamos a máquina semiótica e cultural da qual fazemos parte, em nossa existência particular nós a atualizamos. Neste caso, as *substâncias de conteúdo* podem ser a água bebida, a água do banho, do lazer, para irrigação, água-mercadoria, da limpeza moral, da sede espiritual, da necessidade linguística, etc.; as *formas de conteúdo* são os padrões culturais que regulam estes fluxos materiais e semióticos da água (técnicas sociais de uso: canalização, contenção, distribuição; técnicas ritualísticas, capitalistas, religiosas, etc.); as *substâncias de expressão*, por sua vez, serão o copo d’água, o chuveiro, a piscina, a pia batismal, o símbolo religioso, etc.; e as *formas de expressão* são os *regimes de signos* e linguagens que constituem as possibilidades de captura antropomórfica da água. Supondo alguns agenciamentos antropomórficos (como o humano) dizemos aqui que a água também *se torna* palavra e *devém* espírito. Os códigos

semióticos criam a função social e espiritual da água. O signo “mata” a “sede” de símbolo e linguagem que atravessa o ser humano.

Com esta mini história universal das contingências aquáticas, podemos ter uma ideia da força e potência diferenciadora dos agenciamentos maquínicos. Eles são capazes de operar múltiplas combinações, formando sistemas maquínicos complexos capazes de fabricar e “saciar” diferentes tipos de “sede”. Quando os agenciamentos se tornam função de máquinas semióticas de linguagem, atingem um limiar de desterritorialização que as fazem tangenciar o plano de consistência dos devires de um modo muito próprio, como quem deseja conquistar todos os mundos possíveis através da linguagem (“pretensões imperialistas da linguagem”).⁴⁴ Sendo assim, nos estratos linguísticos, o conteúdo e a expressão se separam de modo a criar um regime de *sobrecodificação* da expressão, em que a codificação deixa de ser imanente ou indutiva e passa a se efetuar por tradução.⁴⁵ As formas de expressão se desterritorializam não só do conteúdo, mas também de suas próprias formas e substâncias de expressão (é a ascensão das formas transcendentais de linguagem em regimes de representação). Nestes casos (voltando ao exemplo) o signo “água” pode, tanto codificar a materialidade inorgânica da água (sua *substância de conteúdo*), sobrecodificar esta substância em diferentes contextos de articulação, como o orgânico e o simbólico (suas *formas de conteúdo*), inscrevê-la em diferentes meios de expressão como a voz, a escrita, o gesto, a imagem (suas *substâncias de expressão*) e, por fim, traduzi-la em diferentes regimes de signos e sistemas linguísticos (suas *formas de expressão*).

Até aqui falamos sobre a primeira dupla articulação do agenciamento, a que corresponde às formalizações de conteúdo e expressão nos estratos. A *segunda dupla articulação* corresponde ao par *molar x molecular*⁴⁶, e orienta o modo pelo qual os estratos interagem entre si e com o plano de consistência. Esta dupla articulação descreve o dinamismo desejante das misturas e transformações que envolvem a matéria e os signos em seus movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Ela indica a qualidade destes processos, destas *linhas* que codificam e decodificam os estratos. Em seus movimentos elas efetuam diferentes relações com o código e a forma dos estratos. São *linhas molares* as que representam códigos e segmentos de formação mais rígidos, e são chamadas *moleculares* as linhas que compõem os aspectos mais flexíveis dos estratos. Quanto mais molares mais estratificadas as linhas são e quanto mais moleculares mais desestratificadas. Estas linhas ainda podem se desterritorializar e se tornarem *linhas de fuga*,⁴⁷ que caracterizam níveis relativos e absolutos de

⁴⁴ DELEUZE; GUATTARI, 2011a. p. 101-104.

⁴⁵ DELEUZE; GUATTARI, 2011a. p. 100-101.

⁴⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2011a. p. 71-72.

⁴⁷ “[...] somos feitos de três linhas”, linhas de segmentação molar, linhas moleculares e linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 236).

desterritorialização.⁴⁸ Em seu processo a *linha de fuga* carrega as condições para que o *devenir* se realize de modo positivo-criativo (relativo e/ou absoluto) ou negativo-destrutivo (relativo e/ou absoluto). Quando a linha de fuga é *criativa* a desterritorialização *devém molecular*, produzindo mais-valia de código e produção imanente de diferença – pois transporta intensidades e fragmentos de código de um território para outro. Quando ela é bloqueada e negativa, *devém molar* sendo capturada pelo código (produção representativa do mesmo, da identidade), ou *devém “linha de morte e de abolição”*.⁴⁹ Esta segunda dupla articulação, portanto, também registra os picos de desterritorialização dos estratos em relação ao plano de consistência. Quanto mais estratificado, mais potencialmente molar serão os movimentos de codificação nos estratos. Quanto mais molecular são os movimentos, mais descodificados e virtualizados são os estratos, e mais próximo das formações virtuais de potência que os intensificam e mobilizam. Quando ocorrem picos de desterritorialização absoluta acontece não apenas uma intensificação e mobilização dos estratos, como também se articula as condições para a criação de planos de organização que podem remeter a outras modalidades de consistência, outros *corpos sem órgãos*.⁵⁰

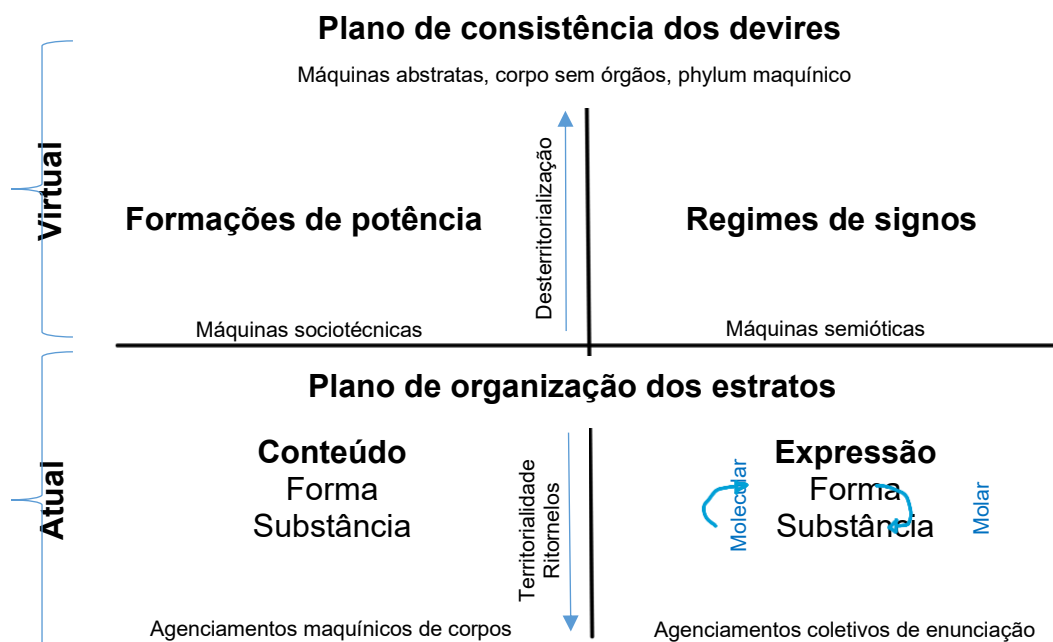
Diagrama do agenciamento:⁵¹

⁴⁸ As linhas de fuga podem ser: 1. Relativa negativa (desterritorialização com reterritorialização no território); 2. Relativa positiva (desterritorialização com reterritorialização em outros territórios); 3. Absoluta negativa (desterritorialização sem reterritorialização, com destruição e morte do estrato); Absoluta positiva (desterritorialização em que a reterritorialização cria um novo território). DELEUZE; GUATTARI, 2012c. p. 238-241.

⁴⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2012b. p. 84.

⁵⁰ Outras superfícies de inscrição da produção desejante: o *corpo sem órgãos* é, ao mesmo tempo, o aspecto incriado e consistente sobre o qual toda produção desejante sempre retorna e investe, como descrito no *Anti-édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 18-30); mas também é construído como um plano de consistência que implica uma pragmática e uma ética no *Mil Platôs* (DELEUZE; GUATTARI, 2012a. p. 11-33).

⁵¹ Fonte: do autor, 2025.



Para ilustrar esta articulação entre *molar* e *molecular* voltemos à cartografia da água, descrevendo seus picos de desterritorialização na formação de novas territorialidades e regimes de estratificação.

Nos estratos inorgânicos a territorialidade da água constitui o diagrama da Terra. Pode haver água em outros planetas, satélites, inclusive em vetores celestes como cometas (o que poderia explicar a territorialização da água na Terra como fruto de uma desterritorialização cósmica), contudo, nossa experiência com a água remete a sua decisiva importância para que a vida biológica surgisse como mais uma forma de estratificação a territorializar sobre o planeta. Nos estratos inorgânicos a *água molar* são as formas regulares de seu fluxo, organização e distribuição, “codificada” de acordo com as condições físico-químicas do planeta. A água atinge um pico de desterritorialização antes de ser capturada no interior das células que passam a modular seu fluxo em processos orgânicos. Sendo assim, a *água molecular* é a que primeiro *devém-gestação*, “sopa molecular”, “sopa pré-biótica”⁵², “líquido amniótico”, “maternidade das águas”⁵³, para depois constituir novos territórios em um novo tipo de estratificação – a orgânica.

A água atinge outro pico de desterritorialização nos estratos biológicos quando é capturada como fluxo vital de experiência e entendimento, compartilhados em padrões sociais de distribuição material e simbólica pelas

⁵² Refere-se aos meios intensivos que condicionam e nutrem a formação do estrato (seu substrato). Cada estrato tem uma “sopa intensiva” como meio de onde se estratifica (DELEUZE; GUATTARI, 2011a. p. 83, 91).

⁵³ Para usar expressões da “imaginação material” da água segundo Bachelard, e que lembram o devir antropomórfico da água ao carregar uma intensidade gestante e formadora (BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2018. p. 15).

máquinas antropomórficas. Aqui a mais-valia de código da água é carregada pelo *signo*, e serve para criar e integrar o funcionamento de sistemas semióticos que capturam esta mais-valia em processos molares de estratificação. Nos estratos orgânicos, portanto, a *água molar* são os cortes e fluxos regulares que ela integra no funcionamento dos sistemas orgânicos; a *água molecular* é a que *devém-voz*, “as vozes das águas”⁵⁴, “ruído de muitas águas”⁵⁵, sopa molecular que concebe a necessidade-desejo de inscrição e controle social na regulação de seu fluxo material e sígnico. A água passa a integrar outro regime de estratificação (o semiótico) ao se reterritorializar em territórios sociais e linguísticos.

Por último, nos estratos antropomórficos, a água como signo também atinge limiares de desterritorialização absoluta. Aqui, porém, a desterritorialização não chega a constituir um novo tipo de estrato. Ela se reterritorializa nos estratos existentes, tanto nos estratos inorgânicos e orgânicos, como nos próprios estratos antropomórficos. Nestes, a *água molar* são os usos convencionais de sua forma de expressão em contextos simbólicos consolidados, em suas representações e significados “fortes”. Já a *água molecular* é a que *devém* novas possibilidades sígnicas, não mais restritas a regimes de signo *significantes*⁵⁶, abrindo a potência do agenciamento para a criação de novos territórios antropomórficos⁵⁷, territórios que inauguram outras alianças com o humano (devires-animais, devires-água, devires-espirituais, devires-divinos, *devires imperceptíveis*, etc.). Neste caso, a *água molecular* ainda pode *devir* fluxo de morte da linguagem. É quando ela *devém* “água violenta”,⁵⁸ caótica, arrastando as palavras e os corpos linguísticos em seu fluxo assignificante. A glossolalia é, por exemplo, uma das expressões deste limiar de desterritorialização absoluta da linguagem. Aqui, a *água molecular* também *devém* loucura, pois seu signo carrega a intensidade de excesso que arrasta e afoga a linguagem. A matéria delira ao tangenciar o limiar de morte. A água enlouquece⁵⁹ na passagem e abertura de novas conexões vitais. Água que batiza com o espírito, água viva.

Agenciamentos teológicos

⁵⁴ Outra expressão que lembra uma intensidade sonora da água (BACHELARD, 2018. p. 17).

⁵⁵ Ezequiel 43:2.

⁵⁶ Deleuze & Guattari nomeiam alguns *regimes de signos ou semióticas*, que são formações virtuais condicionantes nas formas de atualização da linguagem. Com isso, identifica-se que o caráter de sobre-codificação despótica não é inerente à linguagem, mas efeito de um regime de signos específico: o *regime signifiante* (DELEUZE; GUATTARI, 2011a. p. 104).

⁵⁷ Que podem variar o grau de imanência (ou transcendência) entre diferentes regimes de signos: semióticas assignificantes, contra-significantes, pré-significantes, significantes, pós-significantes...e suas combinações (DELEUZE; GUATTARI, 2011b. p. 71-74).

⁵⁸ Intensidade de morte da água (BACHELARD, 2018. p. 165-192).

⁵⁹ “a matéria enlouqueceu” (BACHELARD, 2018. p. 100).

A liquidez é um princípio da linguagem: a linguagem deve estar inchada de águas.⁶⁰

Os agenciamentos teológicos podem mobilizar diferentes fluxos materiais e semióticos, organizando-os em diferentes *agenciamentos maquínicos de corpos* que se relacionam em pressuposição recíproca com os *agenciamentos coletivos de enunciação*. Assim, como no exemplo da “água” e do “batismo”, o agenciamento pode mobilizar a água, o corpo, a pia batismal, a comunidade, etc. efetuando uma formalização e territorialização dos conteúdos, enquanto que, em relação à linguagem e os signos, ele mobiliza discursos religiosos, palavras de instituição, cânticos, homilia, etc., que operam uma formalização e territorialização das expressões. Em *perspectiva sincrônica*, este seria o caso e a oportunidade para mapear os processos de formação territorial da linguagem teológica a partir de um agenciamento capaz de registrar as estratificações e os deslocamentos que a linguagem realiza na produção da realidade do sacramento: Como a água devém batismo, água-espírito? Como o corpo devém corpo-batizado, cristão? E como a comunidade se torna testemunho e território que acolhe este corpo-cristão? *Devir-linguagem* da água, no corpo, na comunidade... e suas regularidades expressivas na atualização da linguagem teológica; do outro lado, oportunidade de cartografar também o *devir-água*, *devir-corpo* e *devir-comunidade* da linguagem teológica. Como a linguagem teológica *flui* sobre o corpo, como ela efetua seu batismo, e como ela organiza seu reconhecimento em uma comunidade de fé? Estes agenciamentos constituem, portanto, a possibilidade de descrever os devires teológicos e suas estabilizações de conteúdo e expressão, e quais capturas de código a formalizam, neste caso, em uma prática e linguagem sacramental (molar ou molecular). Em pesquisas empíricas e etnográficas, isto implicaria mapear os atravessamentos contextuais no seguimento dos devires, suas mais-valias de código e suas capturas em arranjos molares. Exemplos: a pia batismal como reterritorialização do batismo no rio (deslocamento do conteúdo em um agenciamento molar institucional); a piscina como desterritorialização da pia batismal (e reterritorialização de um devir-rio em algumas formas contemporâneas de instituição do batismo); a glossolalia como desterritorialização da água e da linguagem (batismo com o Espírito); o corpo e a comunidade como devires minoritários na reterritorialização social, cultural e política do sacramento (deslocamentos em função do corpo feminino, negro, pobre, etc.). Basta definir um estrato como recorte empírico (a linguagem do batismo é apenas um exemplo) e cartografar a natureza dos seus agenciamentos. Um mapa das regularidades expressivas e de seus tensionamentos criativos deverá resultar disto, como registro da territorialidade dinâmica da linguagem teológica.

⁶⁰ BACHELARD, 2018. p. 199.

Em uma *perspectiva diacrônica*, como visada heurística distinta, poderíamos ressaltar os processos históricos de transformação na invenção da linguagem teológica, levando em conta os variados agenciamentos que atravessam seu fluxo de expressão. Uma cartografia da história da invenção da teologia poderia ser feita levando em conta a paisagem de seus agenciamentos maquínicos – religiosa, filosófica, mística, ideológica, social, cultural, política, econômica, etc. Seria possível mapear seus movimentos de criação, suas transformações, descrever suas qualidades e intensidades (se são agenciamentos que privilegiam o molecular e diferenciante ou se são molares e coletivizantes); bem como compreender as transformações e variações da produção intensiva da teologia, isto é, como ela articula e registra o seu *plano da fé* (seu *corpo sem órgãos da fé*), e com que agenciamentos ela o articula e o sustenta na formação de devires que a conectam com outros *corpos sem órgãos* (CsO da filosofia, CsO místico, CsO político, CsO do capitalismo, CsO do fascismo⁶¹, etc.). Agenciamentos *miraculantes*⁶² e monstruosos podem resultar daí (monstros com muitas cabeças). Discernir os espíritos: trabalho da teologia. Discernir os “deuses” que operam na produção desejante das máquinas – “O corpo sem órgãos não é Deus, antes pelo contrário. Mas divina é a energia que o percorre”⁶³. Discernir entre uma máquina abstrata capitalista traçando o caminho libidinal do capital e uma máquina abstrata teológica traçando o caminho desejante da fé, e verificar a qualidade deste agenciamento quando ele ocorrer (devir-fetice, devir-mercadoria da fé?); identificar uma máquina fascista, colonial, despótica, moderna... em seus agenciamentos com as máquinas teológicas, e assim por diante. Descrever seus efeitos históricos e suas atualizações em diferentes dimensões da vida social e cultural.

Parece-nos que a “água” inaugura um tipo de vitalismo da matéria que dificilmente pode ter sido ignorado por alguma tradição de pensamento humana. Este vitalismo atravessa e mobiliza diferentes naturezas de estratos através de seu *phylum maquínico* e de seus diferentes modos de funcionamento e registro do devir. Assim, a água também atravessa a linguagem e, de um modo muito particular, a linguagem teológica deseja a sua consistência líquida e a sua profundidade.

⁶¹ O fascismo qualifica o corpo canceroso que deseja a morte do estrato. DELEUZE; GUATTARI, 2012a. p. 29-30.

⁶² Superfície fluída, “encantada e miraculante”, o CsO nunca registra um acontecimento da mesma maneira, aparecendo como uma energia pressuposta como natural ou divina, sobre a qual a produção se inscreve em todas as suas disjunções. O CsO forma o campo de tensão que torna possível certos “milagres” imanentes que a organização dos estratos não pode prever (DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 24-26).

⁶³ DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 26.

Gaston Bachelard nos dá algumas razões para entender a sua busca pela “imaginação material” da água como um seguimento do devir-água. Ele a distingue de uma “imaginação formal” que se efetua a partir de metáforas consolidadas, associando-a à uma busca pelas “imagens *diretas* da *matéria*”⁶⁴. Em chave deleuze-guattariana podemos dizer que a “imaginação formal” se refere às representações molares da matéria, formas previamente moldadas pela imaginação figurativa. Mas, Bachelard parece mesmo interessado na molecularidade expressiva da água, em sua *sustância de expressão* (não sua *forma de expressão*), aquilo que dá consistência expressiva a uma matéria que “é precisamente o princípio que pode se desinteressar das formas.”⁶⁵ “Sonhar com a água”, nesse sentido, equivaleria a devir-água, ter a imaginação atravessada pela sua potência expressiva, e não pelas imagens formais de sua representação. A imaginação material da água se assemelha, deste modo, ao devir antropomórfico da água nos estratos humanos, pois carrega a potência imagética da água, que para Bachelard pode ser acessada através do devaneio poético.⁶⁶ “O sonhador já não sonha imagens, sonha matérias”.⁶⁷

A “imaginação material”, deste modo, atinge um nível dinâmico que ajuda a descrever os devires da água na criação das condições que efetuem a “sede” maquínica que mobiliza os estratos. A água inscreve seu fluxo material expressivo em nossas formas de sustentar a vida, demonstrando que *desejamos* e *necessitamos* beber e fazer proliferar constantemente o seu fluxo como prática vital. Podemos dizer que ela “ensina” nossa sede em suas intensidades e modulações. Então, faria algum sentido dizer, como Bachelard, que ela também tenha nos “ensinado” a falar (e “ensinado” também os pássaros a cantar)⁶⁸, como *desejo* e *necessidade* de fazer circular seu signo e linguagem. Deste modo, o devir orgânico da água no humano organiza as modulações do fluxo de sua sede material. Já o devir antropomórfico da água, organiza as modulações de sua sede enquanto linguagem. Dito de outro modo: se o vitalismo físico-químico da água “gestou” as condições de surgimento das máquinas orgânicas e de seus modos de codificar o desejo (“ensinou-lhes” à beber), na passagem do orgânico para o antropomórfico, este mesmo vitalismo (*phylum maquínico*) também deve ter contribuído para a humanidade inventar a linguagem como *necessidade* e *desejo*

⁶⁴ BACHELARD, 2018. p. 2. Grifos do autor.

⁶⁵ BACHELARD, 2018. p. 3.

⁶⁶ Apesar de se ter razões para algumas correspondências entre a intuição de um autor e os resultados teóricos de outros, a verdade neste caso é que Bachelard, apesar de sua aparente desconfiança em relação a funcionalidade da “metáfora”, não chega a atingir o registro do devir como pensado por D & G. O “devir não se faz na imaginação”, devires não são sonhos, “são perfeitamente reais” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b. p. 18-19). Tendo dito isso, é preciso ressaltar que a noção de *imaginação* de Bachelard se difere muito do paradigma de representação ao qual D & G dirigem a sua crítica.

⁶⁷ BACHELARD, 2018. p. 67.

⁶⁸ BACHELARD, 2018. p. 15.

de recorrer a um fluxo vital de signos na criação e manutenção do mundo social, cultural e religioso. O devir antropomórfico da água, portanto, seu devir-signo, criou as condições de surgimento de uma linguagem que *devém-água* para registro, produção e funcionamento de máquinas sociais e semióticas. O devir-água transporta, media, articula, mistura, processa, realiza, flui ou corta, estabiliza e organiza, interpreta e mascara a produção do desejo e sua *necessidade de invenção da linguagem*. A água que *devém-signo* “mata” a “sede” linguística destas máquinas. Ela é agenciada como fonte de vida e alimento para a sustentação do desejo humano em seu mundo social e semiótico.

Bachelard diz que existe “uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana”⁶⁹. A teologia poderia afirmar que existe uma continuidade entre a palavra humana e a Palavra de Deus, mas só pode afirmá-la na medida de sua descontinuidade. Não sem atravessar um limiar. O pico de desterritorialização absoluta da fé faz a linguagem habitar este limiar atravessado pelo Sim e pelo Não. É nesta *zona de indiscernibilidade*⁷⁰ que acontece a batalha e a união com Deus⁷¹, é no acontecimento deste batismo (desta cruz). “A teologia faz a união extrema”, diz Lutero.⁷² Este casamento impossível entre morte e vida é a união indiscernível do paradoxo que mobiliza a desterritorialização absoluta da fé em seu desejo intransitivo, “formalmente” inconsistente com a estratificação da linguagem. Por isso é linha de fuga dos estratos, é “fé desejando”⁷³ – *desejabilidade* intensiva da fé.

As máquinas teológicas são, portanto, desejantes do absoluto, margeiam a consistência molar dos estratos para tocar a consistência intensiva e molecular do plano da fé. Assim elas tangenciam a loucura e a morte porque desejam as águas e as línguas do Espírito, seu fluxo e sua profundidade. O agenciamento teológico da água, neste caso, constitui o *diagrama do batismo* em uma *teologia molecular da cruz*. Ele efetua as linhas de vida e morte que a água agencia na produção desejante da fé. Há também um murmúrio das águas que “batiza” e “ensina” o espírito a falar. Esta linguagem é ferida de morte, impronunciável e, no entanto, vital.

⁶⁹ BACHELARD, 2018. p. 17.

⁷⁰ DELEUZE; GUATTARI, 2012b. p. 77-78.

⁷¹ Esta zona de indiscernibilidade na narrativa bíblica também é operada pelo signo da noite que, igualmente, é um tipo de imagem material da água – a água turva (BACHELARD, 2018. p. 105). À noite Jacó não sabe exatamente se está lutando com Deus ou com um homem (Gn 32.24).

⁷² LUTERO, M. Debate sobre a divindade e a humanidade de Cristo. In: *Obras selecionadas V. 3. Debates e controvérsias, I*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1992. p. 292.

⁷³ Um “desejar intransitivo” da fé na solidão, irreduzível à linguagem produzida, praticada e compartilhada pela comunidade de fé. Assim, a teologia não somente é o exame da fé desejando objetivamente aquilo que a sua linguagem pode identificar como conteúdo da fé (esperança, promessa, relacionalidade...) mas também como puro desejar sem objeto, pois, em última instância, não pode nem mesmo nomeá-lo de forma objetiva (WESTHELLE, V. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 133).

Como o cajado de Jacó, a teologia é um instrumento de navegação que cruza as águas. Ela é signo de nossa condição de *inventores* que *necessitam* e *desejam* seguir em frente, inventando caminhos para a fé através das águas⁷⁴ e “sobre as águas”.⁷⁵

Conclusão

A utilização dos conceitos de Deleuze & Guattari servem para dois movimentos diferentes que desejamos enfatizar: 1. Um movimento orientado para a *pesquisa* teológica, como instrumentos de cartografia no mapeamento dos devires e estratificações das linguagens teológicas. Esta primeira visada tem uma característica descritiva e analítica, podendo servir para verificar a linguagem teológica, tanto em sua dimensão sincrônica, quanto em sua dimensão diacrônica; 2. E um segundo movimento, direcionado para a *produção* de uma nova prática teológica, com elementos funcionais para a invenção de uma *linguagem teológica menor*. Este é o caminho que pretendemos percorrer para o desenvolvimento de uma *teologia diagramática* como agenciamento que mobiliza uma *teologia da cruz* a partir dos territórios latino-americanos. Deste modo, um devir-luterano atravessa este segundo movimento teórico, estando relativamente suspenso quanto ao primeiro. Este atravessamento de movimentos também pretende preservar o lugar de tensão criativa que a teologia sempre ocupou no interior dos paradoxos. Assim, pretendemos um agenciamento científico de sua linguagem por um lado e, de outro, um agenciamento teológico que indica o horizonte absoluto de abertura e liberdade que caracteriza sua singularidade pragmática e linguística.

Os exemplos trazidos e seus desenvolvimentos conceituais configuram hipóteses de pesquisa e trabalho que precisarão ser continuamente exploradas para testar sua validade. Os *agenciamentos* estão sempre operando modificações, como “muletas” conceituais estão em processo contínuo de ajustamento, para podermos seguir a caminhada da teologia. Como alguém que, também nisso investe a sua fé, acreditamos que os conceitos trabalhados cobrem um amplo território de aplicação teórica e metodológica para a pesquisa teológica, como também possibilitam informar uma prática teológica crítica e confessional que *ritorneliza*⁷⁶ a partir do Brasil e da América Latina.

Referências

ALVES, R. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

⁷⁴ O cajado abre passagens entre rios e mares (Gênesis 32.10; Êxodo 14.16).

⁷⁵ Pedro anda sobre as águas (Mateus 14. 28-31).

⁷⁶ Que cria a dinâmica complexa de um agenciamento territorial que traça seus movimentos e variações expressivas em torno de motivos e paisagens territoriais (DELEUZE; GUATTARI, 2011b. p. 139).

BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. V. 1*. São Paulo: Ed. 34, 2011a.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. V. 2*. São Paulo: Ed. 34, 2011b.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. V. 3*. São Paulo: Ed. 34, 2012a.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. V. 4*. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. V. 5*. São Paulo: Ed. 34, 2012c.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

KIERKEGAARD, S. *Temor e Tremor*. In: Os pensadores. XXXI. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LUTERO, M. Debate sobre a divindade e a humanidade de Cristo. In: *Obras selecionadas V. 3. Debates e controvérsias, I*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1992.

SCHELLIN DE MATTOS, T. Os devires da teologia. *Ad Aeternum*, 2(11), 2026, p.85-113.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Editora UBU, 2017.

WESTHELLE, V. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Digitalizado por Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, 2004.

Submetido: 15/10/2025

Aprovado: 09/07/2026